



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

CORPO, GESTO E IMAGEM NA AULA DE GEOGRAFIA

Roberta Alencar

Universidade do Estado de Santa Catarina – Programa de pós-graduação em Teatro – PPGT.

alencaroberta@gmail.com

Resumo

O convite do presente trabalho foi aliar a geografia, a partir das imagens sobre litosfera disponíveis nos livros didáticos e apostilas, com o corpo, suas formas e funções. Perguntava a mim mesma se seria possível os estudantes imaginarem a pele do mundo na própria pele, com suas protuberâncias, marcas e transformações particulares. Me parece que sim. Com base no desenvolvimento da proposta com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, foi possível combinar as cicatrizes da paisagem natural com as marcas de tombos, traumas e arranhões do próprio corpo, aparentes ou não, ao olhar. Quais subjetividades surgiram a partir da proposta cujo o corpo foi a metodologia-centro? Possivelmente os bastidores guardam os processos subjetivos que integram a corporeidade no ensino de geografia.

Palavras Chave: Corpo; Imagem; Cicatrizes; Processos subjetivos; Ensino de geografia.

Introdução

Os estudos referentes à litosfera fazem parte dos processos educativos do 6º ano do Ensino Fundamental. As disciplinas de Geografia e Ciências se debruçam nos assuntos sobre esta camada rochosa, englobando as relações com os seres vivos e incluindo também as atividades humanas. As imagens de livros e apostilas apresentam muitas vezes os melhores exemplos didáticos de sítios geológicos e geomorfológicos, encontrados em diversos lugares do mundo. Se por um lado as imagens podem despertar a curiosidade para uma pesquisa mais aprofundada, por outro afastam a realidade local. A complexidade referente à origem e formação das paisagens naturais me aproximam de algumas interrogações que surgem, por parte dos estudantes, do outro lado da tela: “Mas como essa rocha foi formada dentro da Terra e agora está no costão da praia?” e ainda, conclusões: “Se esse granito tem milhões de anos ele deve ser muito valioso.” Preocupados em tornar os temas relativos à litosfera mais palatáveis, geólogos e geocientistas propõem estudos sobre a geodiversidade, que corresponde à variedade de minerais, rochas, fósseis, solos, formas de relevo e processos naturais que geram estes elementos. A partir de então, o público de interessados sobre o tema tem ampliado, até porque a geodiversidade tem sido felizmente relacionada como a base natural para o desenvolvimento da biodiversidade.

Em sala de aula, geógrafos e educadores vêm se preocupando com a relação entre o corpo e o espaço geográfico. As pesquisas nesta área questionam os corpos dóceis e os convidam a investigar para além do dualismo, onde mente e corpo são separados e parece que há espaço apenas para um *ou* outro. Os processos subjetivos são o foco a partir das propostas



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

com gestos e movimentos. Dessa forma, movimentar o corpo de modo aliado aos temas da geografia possibilita conexões, narrativas e o exercício de inventividade para aqueles que estão disponíveis a uma educação baseada na experiência dos sentidos. O desafio é estabelecer uma dança entre as artes, com o estudo de gestos e movimentos corporais, e a geografia da/na educação básica. Se filósofos da área da educação como Bondía (2002), enfatizam a importância das experiências e invenções como algo intransponível, os geógrafos Camila Nunes e Nelson Rego (2011, p. 105), consideram o corpo como uma metodologia-centro, ou seja, “um novo paradigma ético-estético que envolve a corporeidade e as subjetividades no cerne do processo educativo. Um conhecimento que instaura espaços de sensibilização e ressignificação do mundo – constituindo feixes de possibilidades e eixos de coexistências”.

Outra apresentação necessária no desenvolvimento deste trabalho é a defesa de Dal Pont (2018) pela necessidade da compreensão de processos e fenômenos naturais e culturais como o principal objetivo da educação geográfica, em detrimento dos modos mecânicos de aprendizagem. Uma abordagem processual torna visível as partes que compõem o todo, sendo que os eventos acontecem conforme o tempo e as condições necessárias para existirem.

Desenvolvimento

As cicatrizes no corpo e na paisagem.

Em tempos de aulas *on-line*, devido a pandemia causada pelo coronavírus, a exploração de temas da geografia por intermédio das imagens também foi um meio para se chegar na sensibilização. Somado ao contato com as imagens, os estudantes também trabalharam a percepção do seu corpo. Os temas em questão correspondiam a processos e fenômenos naturais relacionados a geologia e geomorfologia. Sendo assim, durante a pesquisa sobre a origem e formação da paisagem local de Florianópolis, os estudantes também deveriam perceber o aparecimento de algum machucado no seu corpo e ainda, o crescimento dos seus cabelos e unhas. O arquivo de imagens pessoais nas paisagens naturais já visitadas foi uma ferramenta para a conexão entre o que estava do lado de fora e dentro de casa. Muitas fotografias e vídeos de passeios pelas dunas, trilhas em costões e banhos de mar foram apresentadas e recordadas pelos estudantes. Além do arquivo pessoal foi disponibilizado o arquivo em PDF do livro¹ “Um pedacinho de terra e muitas histórias pra contar: a geodiversidade de Florianópolis”. A relação entre os dados de ambos os arquivos possibilitou elencarem conhecimentos geográficos aos lugares já frequentados. Se os bilhões de anos, associados a formação do planeta Terra era difícil de assimilar, pedi para que compartilhassem os dias, semanas e meses de adaptação durante as aulas *on-line*. Como o corpo deles estava respondendo há tanto tempo longe da escola e do convívio em lugares antes cotidianos? Quais eram as dificuldades mais latentes? A pandemia estava deixando cicatrizes no próprio corpo dos estudantes do 6º ano, junto às marcas de tombos e arranhões da infância. A emoção aflorava ao relatarem sobre a origem e processo

¹ Disponível em: bit.ly/umpedacinhodeterra

Alencar, Roberta; Guimarães, Gilson B.; Mochiutti, Nair Fernanda B. Um pedacinho de terra e muitas histórias para contar: A geodiversidade de Florianópolis. 1.ed. Florianópolis. 2019. 44p



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

de formação de cada cicatriz presente no corpo. A atenção da plateia também estava presente, e foi então que pedi para pensarem sobre as cicatrizes nas paisagens naturais. Se Milton Santos toma emprestado o termo rugosidade da geomorfologia para falar das formas e funções no espaço geográfico, levo as cicatrizes registradas na materialidade do corpo a se relacionarem com as paisagens naturais do meio onde convivem. São os estudantes que me alertam para algumas cicatrizes não visíveis, mas existentes no corpo, por meio das memórias e dos traumas. Penso juntamente a Latour (2008), que “superar o dualismo mente-corpo não é uma grande questão fundadora: é apenas resultado da falta de uma definição dinâmica do corpo como a aprendizagem de ser afectado”.

Com base na proposta de pesquisa de imagens das formas de relevo encontradas na paisagem, me questioneei sobre a possibilidade de fazer os estudantes tomarem emprestado em seus corpos as formas de relevo e processos geomorfológicos identificados na natureza. Tal dúvida é suscitada a partir do apontamento que Oliveira Jr. (2013, p.170) apresenta quando fala que os filmes com tradição narrativa nos convidam a acompanhar e “identificarmo-nos com personagens, tornando seu corpo nosso corpo”, e fazendo dele o eixo de conexões para além do personagem. Perguntava a mim mesma se seria possível os estudantes imaginarem a pele do mundo na própria pele, com suas protuberâncias, marcas e transformações singulares, dentro da coletividade. Quais processos subjetivos poderiam surgir a partir da proposta? Mitchell (2017, p.182) aponta que “pinturas abstratas são imagens que não querem ser imagens, que desejam ser liberadas de seu tornar-se imagem”. Mas o desejo de não mostrar, desejo é. Quais seriam os desejos das imagens de livros didáticos e apostilas? Estariam elas despertando alguma emoção nos estudantes? Acredito que os autores de tais materiais tenham o desejo centrado no objetivo da formação, quando selecionam em seus arquivos as imagens geológicas e geomorfológicas. Haveriam outros desejos?

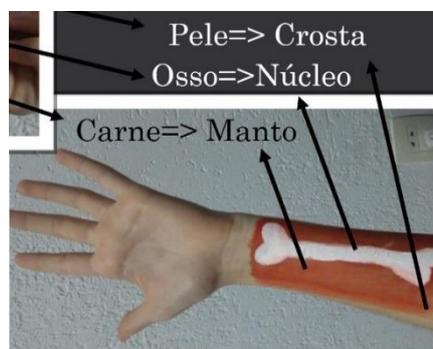
Como retorno recebi as imagens abaixo. Se as condições impostas pela quarentena impossibilitaram o desenvolvimento das aulas de campo costumeiras, visitamos nossos espaços internos e passamos então a inventar espaços outros. A imagem inventada foi então capturada pela máquina.





VI Colóquio Internacional
 “A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.



Conclusão

Considero um tanto complexo expor neste espaço, os resultados e sensibilidades consequentes da proposta de abordar os assuntos relacionados à geodiversidade, a partir dos gestos e movimentos. Posso aqui exprimir que os estudantes cumpriram a tarefa com a devida eficácia desejada pelas instituições escolares, ou seja, todos entregaram o trabalho. Seguindo essa linha, posso considerar que todas as tarefas “foram executadas com sucesso”. Faço um adendo, com grande alegria, que o envolvimento dos estudantes na tarefa, foi bonito de ver. Eles compartilharam em sala a diversão de se pintarem; as dúvidas sobre quais formas de relevo gostariam de apresentar com seus corpos; e ainda, as questões sobre quais elementos caseiros poderiam melhor compor com a tarefa.

Ver as imagens e escutar todas as experiências dos bastidores, fizeram meu olho brilhar. Haveria alguma maneira de transportar os sentimentos e sensações dos estudantes para um papel e trabalho acadêmico? Estaria assimilando a intensidade do vivido por eles? Posso afirmar que ocorreram variados processos de subjetividade. As pedras no caminho poderão ter outros significados para eles, e de repente alguns símbolos surgirão com base na relação entre corpo, movimento, processo e litosfera. Enquanto isso, penso nas terceiras margens de rios que fazem fluir os processos educativos. E uma delas é o corpo como metodologia-centro na educação. Um convite para uma dança coletiva. A repetição pode transformar. E abrigos para os corpos podem surgir a partir do contato da água do mar com os blocos rochosos, afinal água mole em pedra dura provoca transformação.



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28.

DAL PONT, Karina Rousseng. **A (im)possibilidade do mapa.** 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2018.

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (orgs.). **Objetos Impuros:** experiências em estudos sobre a ciência. Porto: Edições Afrontamento e autores, 2008.

MITCHELL, W. J. T. O que as imagens realmente querem? In: ALLOA, Emmanuel (org.). **Pensar a Imagem.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

NUNES, Camila Xavier; REGO, Nelson. **As Geografias do Corpo e a Educação (do) Sensível no Ensino de Geografia.** *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, v. 1, p. 86-107, 2011.

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. **Corpos e Sons – Locais e Imagens: o Ad Herennium sob As Vilas Volantes.** In: CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR., Wenceslao M. (orgs.). **Grafias do espaço:** imagens da educação geográfica contemporânea. Campinas, SP.: Alínea Editora, 2013.